

Transcrição – Projeto de História Oral

E: Entrevistador

A: Antônio

E: Qual é o nome completo do senhor?

A: Antônio Jorge.

E: O senhor tem nome indígena?

A: Não tenho.

E: Qual é a idade do senhor?

A: 84.

E: A que povo o senhor pertence?

A: Bom, eu sou Krenak. Eu pertenço à aqui, porque eu moro aqui, né? A minha família *tudo* é criada aqui.

E: De qual aldeia o senhor era?

A: Krenak.

E: Onde ficava essa aldeia?

A: Ficava perto de... de Resplendor.

E: Por que o senhor teve que sair da terra indígena de Resplendor e vir pra cá?

A: Ah eu... eu fui obrigado a sair de lá, porque eu me casei com a filha do... de uma mulher que foi daqui, né, o meu sogro saiu daqui pra passear na casa dos irmãos, e de lá, ele resolveu ficar e separaram, né, separaram... aí a *velha* teve empregada pra tratar do filho. Aí depois ela... falou pra filha – já estava casada com a filha dela – então ela falou, “Minha filha, eu vou me embora pra minha terra”, que é aqui. Aí falou pra filha dela, “você conversa com seu marido, se ele quiser ir *com nós*, ele vai, se não quiser, ele fica”. Aí minha mulher veio conversar comigo e eu falei “Não, eu vou junto com vocês!”, porque meu menino mais velho estava com seis meses. Aí eu falei, “Não, eu vou junto com você, eu vou deixar você sozinha e com o menino pra lá, né? Viver sozinho?” Eu falei, “Não! Se eu me casei com você, eu te acompanho!”, né. [A esposa] “*Uai, então, você que sabe!*”. [Ele] “Agora se o chefe não me aceitar, o que eu posso fazer, né? Ou eu arrumo um lugar pra trabalhar fora, ou volto pra minha velha...”

E: E como foi a vinda do senhor pra cá?

A: A vinda pra cá foi... a... ela pediu para o chefe arrumar um *passe*, porque naquele tempo dava *passe*, né, pra índio viajar. Então ela arrumou um *passe* pra família, né, pra mim, pra filha, pra ela... então, nós viemos até São Paulo. De São Paulo, nós pegamos a *Imigração de São Paulo*, naquele tempo, tinha a *Imigração*, naquele tempo. Aí nós ficamos... ficamos um dia, uma noite, *bem dizer*. *Amanhecemos* o dia, almoçamos, eles fizeram o lanche, e *deu* pra nós “Isso aqui é pra vocês *viajar*, acabar de chegar, chegar em Tupã”, né. Pegamos o, naquele tempo era trem de ferro, né, aí pegamos o trem e viemos, chegamos em Tupã.

E: E foi difícil essa trajetória?

A: Ah... bom, a viagem era difícil, porque naquela época, tinha muita, tinha muita... não era só índio não, *tinha* muitos brancos que viajavam, né, vinham do Norte, Bahia... porque o... o trem, eles tratavam de trem de... migração, né, então, ia tudo... que tinha polícia que, na estação pra tomar conta, porque chegava gente e ele perguntava “Pra onde você *tá* indo?”, “*Tô* indo pra tal lugar”, “Então, vamos pra *imigração*”, pegava e levava pra *Imigração*. Chega lá e pousava e... eles davam alimento, davam tudo, então no outro dia eu já... segui a viagem.

E: Quem veio junto com o senhor de lá? Veio só o senhor e a esposa?

A: Veio eu, a minha esposa, a minha sogra, né, e as duas cunhadas.

E: Veio algum filho junto?

A: Tinha o primeiro, o *Bastião*, esse *tá* em Minas. Ele veio de lá com seis meses. É por isso que, *pra mó dele* que eu *tô* aqui, né, porque vamos falar, eu vou deixar a mulher com o menino, vou deixar ela ir embora sozinha? Então eu vou, porque eu tenho que tratar do meu filho, tratar da minha mulher, tratar da minha família.

E: Como foi, Seu Jorge, a adaptação do senhor na terra indígena de Vanuíre?

A: Então a pessoa tem que viver lá na Aldeia conservando a... a linguagem da pessoa, né, tem que... a gente tem que... eu só não aprendi fazer artesanato, mas o resto... mas vivi sempre na aldeia!

E: E foi difícil para o senhor chegar aqui em Vanuíre e encontrar uma cultura diferente?

A: Ah... dois anos que eu morei aqui *foi* meio difícil pra... negócio de alimentação, negócio de, sobre negócio de casa, essas coisas. Mas eu fiquei na casa de um índio, amigo, né? Então eu fiquei até sair, eu fazer um barraco, porque a casa do índio, naquele tempo, era de pau-a-pique, de casa de sapé. Então, eu fiquei dois anos numa casa de sapé. Mas a plantação da... eu não achei difícil porque ela é... *troço* difícil que eu achei *foi* aquelas máquinas de bater assim, de plantar as coisas. Porque lá em Minas era *panha* de milho. Aquelas cavadeiras de bater assim [gesticulando], abrir e jogar milho, então... aí, mas... em dois anos, eu plantei uma roça de algodão, dois anos seguidos, eu plantei uma roça de algodão... né...

E: E sobre a sua cultura: quando o senhor chegou aqui em Vanuíre, o senhor manteve a cultura Krenak ou o senhor se adaptou à Kaingang, como que foi?

A: Não, você sabe que a minha cultura... nós, lá na minha terra, nós nunca *teve* essa cultura, assim, de... de artesanato. Nunca tiveram. Vim ver a cultura aqui dos Kaingang quando eu cheguei por aqui, né. E aqui eu *tô*... *Tô* vivendo junto com eles aqui e não tenho nada que queixar do pessoal daqui.

E: E os filhos do senhor, senhor veio com um filho pequeno e os outros nasceram aqui?

A: É, eles aí, tudo nascido aqui, só o *Bastião* que foi nascido em Minas, e veio pra cá com seis meses, mas os outros, os sete filhos que... nascido tudo aqui.

E: Oh, Seu Jorge, e para o senhor passar o conhecimento da cultura para os filhos, o senhor passou o conhecimento dos Krenak?

A: Não, tsc, tsc, tsc, tsc [balançando a cabeça negativamente]. Dos Kaingang.

E: Porque o senhor se... acha que... o senhor sente que o senhor pertence aos Kaingang?

A: Eu acho. Eu sempre falo, falava pra eles, na reunião “Oh, vocês estão fazendo reunião”, *tem* uns que eram contra, né, mas... agora eu nunca fui contra os Kaingang, porque eu *tô* morando junto com eles aqui, você vê que é a coisa. Se sair, se acontecer uma briga aqui, *aonde* correr sangue dos Kaingang corre o meu também. Porque eu *tô* morando aqui, né, e... acho que vou me acabar aqui!